

O Caderno do Foliás é um projeto do Foliás. As opiniões expressadas nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores. Os interessados em se comunicar com o Foliás devem escrever para:

Rua Ana Cintra, 213
Santa Cecília/São Paulo/SP
CEP.: 01201-060
E-mail: folias@terra.com.br
www.galpaodofolias.com

Edição número 12 - 1º Semestre 2009.

Conselho Artístico do Foliás

Emília Viotti
Iná Camargo Costa
J. C. Serroni
Paulo Arantes

2

Gerência do Foliás Carlos Francisco | Dagoberto Feliz | Danilo
Grangheira | Nani de Oliveira | Patrícia Barros

Editores Responsáveis Reinaldo Maia e Rodrigues

Design Gráfico Zeca Rodrigues

Produção Foliás

Paula Flaiban em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)



O Galpão do Foliás permanece em atividade devido aos recursos advindos da Lei de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo.

EXPEDIENTE

EDITORIAL Pág. 04

NOTAS SOBRE UMA
OFICINA DE DRAMATURGIA
LUCIENNE GUEDES

Pág. 13

OFICINA DE DRAMATURGIA
PROJETO ÊXODOS

REINALDO MAIA

Pág. 16


ENCONTROS
SOBRE O DIZER
CLAUDIA SCHAPIRA

Pág. 28

CECI BEIJOU PERI
E AÍ JOSÉ II?
REINALDO MAIA

Pág. 34

Regina Pereira em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)



Jucelma Araújo em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)

EDITORIAL

DEDICATÓRIA À MEMÓRIA DO MARIDO, PAI, IRMÃO, PADRINHO, AMIGO, MESTRE, PROFESSOR, DRAMATURGO, FILÓSOFO, ESCRITOR, ORIENTADOR REINALDO MAIA

Sexta-feira, 17 de Abril de 2009

Reflexões Aquele que melhor sabia nos incomodar
Com dor e amor, ao amigo
Reinaldo Maia

Cada um dos parceiros de cena, dos que batalham pelo teatro, em São Paulo e no Brasil, sabem quem foi Reinaldo Maia. Não vou perder tempo fazendo descrições emocionadas, no risco da pieguice, pois o homem que morreu merece palavras melhores. Também não vou rasgar o peito de tanto batê-lo reafirmando a luta comum, porque esse legado ele já deixou. Muito menos, vou dizer coisas pretensamente bonitas que deveria ter dito quando ele estava vivo, até porque nunca perdemos a oportunidade de dizer o que pensávamos e sentíamos, um ao outro, dos parlapas aos folias. Enfim, no caso do Maia até a morte e a perda são dialéticas.

A memória, essa traidora incontestável, me remete a algum encontro no qual ele fez a descrição mais bela de um quadro de Goya que ouvi na vida. Parece fora de contexto. Mas agora eu sei, Maia era a sua própria descrição da luz lutando para vencer a escuridão. Era assim que ele fazia. Iniciava-se uma reunião, ensaio, debate, encontro político - fosse o que fosse -, ele observava calado, com os olhos centrados e ira santa, entre uma baforada, das ventas ou do cigarro. Numa certa altura, ele pedia a palavra. Sempre iniciando lembrando a sua condição de filho de Ibitinga, que, no fundo, queria nos colocar, a todos, no contexto

mais simples, de artistas caminhando juntos, cegos ou esfomeados, em direção a sonhos e abismos.

Só que ele não deixava que tudo ficasse nesse plano pueril, muito menos nos remetia a um pé-no-chão óbvio. Maia abria a boca e encadeava palavras em forma de uma escada que nos levava ao alto tanto quanto nos punha apavorados, morrendo de medo. Ao ouvi-lo, sempre eu começava a me perguntar se não estava me acomodando. Em geral, estava. Acho que a maioria das pessoas que o ouviam se incomodavam. Era isso que era o mais brilhante. Maia nos ajudava a sair do comodismo prosaico de nossas vidinhas pequenas, voltadas apenas ao sobreviver. Com ele pensávamos grande e ousadamente, sem bravatas, e ele nos dava, generoso, o seu senso crítico mordaz e pertinente.

Invariavelmente, nos tirava gargalhadas, usando o humor como confronto da vida. As palavras do Maia sempre nos melhoraram. Bradando bárbaro era o gentil civilizado que nos ensinava a não sermos apenas os animais querendo o pasto. Nos remetia ao sonho das utopias. Ao não-lugar onde o mundo não será perfeito, mas harmônico.

Perdemos aquele que sabia nos incomodar. E como! Perdemos o camarada Maia, que sabia traduzir o comunismo sem se sentir anacrônico. Que tinha brio em cada uma das suas colocações e sabia que sua defesa - sim, porque eram defesas! - tinha o tom da paixão

encoberta de enorme gentileza. Defendia a si, ao teatro e aos oprimidos sem o peso da compaixão católica. Era um materialista firme e coerente.

Queria apenas um mundo mais justo e civilizado. Queria respeito. Queria conversar com os amigos. Queria dividir uma bela feijoada tanto quanto uma conversa honesta. Queria o teatro livre de amarras, liberto e libertador. Queria transformar o mundo. Queria provocar aos amigos. E dava-se tanto, a ponto de provocar os inimigos, o que significava a enorme generosidade de tentar transformar até os seus opositores.

E, posso dizer, tranquilo e com o coração apertado pela sua partida, que ele conseguiu muito de tudo isso. Seu querer mostrava o poder que ainda temos.

Seu legado é maior do que podemos supor. O que ainda é pouco para que o mundo seja melhor, mas já é muito para o que mundo merece.

Hugo Possolo

Toda a Luz, todo o Amor, toda a Força e Coragem na nova trajetória do Reinaldo e para nós que ficamos.

Um especial Axé para todos do Folias. Respirar, respirar, respirar...

Estamos aí.

Cia Nova Dança 4

Quito, Mauricio, fica, Alex, Cris, Diogo, Gisele, Erika, Livia e Dora

Para o Maia:

Na costa de Portugal os homens são enterrados à vista de grandes muros caiados de branco, e as mulheres arranjam as flores nos túmulos como se tentassem guardar os corpos longe do mar. Quem, por um momento, espreita os muros (mesmo com mau tempo a luz fere e obriga a desviar o olhar), pode ver que, por trás deles, a massa do Atlântico aguarda paciente a hora em que nos vamos encontrar no fundo do mar.

Até à vista,
Jorge

Queridos amigos do Folias,

O Afílio me ligou ontem para me contar sobre a partida do querido Maia.

Infelizmente não pude ir ao velório e não poderei comparecer à cerimônia de despedida.

No entanto, tenho pensado muito em vocês e estou me despedindo dele do coração.

Os pilares que ele ajudou a construir tornando o trabalho de vocês importante, estarão, agora e sempre, simbolizando sua presença.

Beijos enormes e desejo de muita força pra todos.

Saudades

Reinaldo Salvador Renzo

Só agora vi o email.

Choro.

Lembro muito e sempre do Maia.

Lembro que me chamava de moranguinho por causa do batom que eu usava.

Lembro que brincava dizendo que nunca iria me casar se continuasse fazendo tantas perguntas.

Lembro do olhar genial e da voz docemente falha.

Lembro da forma que se perdia no próprio pensamento.

E lembro, é claro, da maestria com que dava o último monólogo de El dia que me quieras.

Querida ter aproveitado mais suas aulas.

Coitado dele? Não. Coitada de mim que não poderei trabalhar ao lado dele.

Coitados de nós.

Amigos do Folias,

Muita força nesse momento difícil.

O Maia viverá pra sempre pra gente do teatro.

Beijos e abraços carinhosos

IVO 60

Ana Flávia Chrispiniano | Felipe Sant'Angelo | Mariana Leite | Pedro Felício | Pedro Granato

Queridos amigos do Folias,

Que notícia lastimável! Num momento como este, as palavras não dizem nada. Apesar de não ter tido a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, eu já o

admirava pelo seu trabalho, conhecimento e pelo vínculo que ele tinha com vocês. Aceitem os meus sentimentos de pesar neste momento triste para todos nós.

Célia

Grande Maia, um exemplo raríssimo de que é possível viver como se quer, e não como os outros esperam que vivamos!

Fica na memória e no coração a sua lembrança e a certeza que não existe o adeus e sim um até breve!

À família do Grupo Folias força e fé na continuação da sua caminhada,

Fabio Takeo

caros amigos do Folias,

Não tive a chance de conhecer melhor o maia pessoalmente, o maia familiar e constante, como eu sei que ele era para vocês e para aquela multidão que apareceu ontem no galpão (multidão entristecida, mas, ainda assim, multidão). quem eu conheci foi o maia artista loquaz e o maia militante implacável, ambos titânicos e impossíveis de serem ignorados. A obra de vocês, e do maia, portanto, em grande parte serviram de régua e compasso para a minha compreensão do tempo em que vivemos, do horizonte dissolvido que nos confunde e das perspectivas que se apresentam diante nós, seres humanos habitantes de um

determinado lugar em um determinado tempo histórico que exige determinada rigidez e rigor para que não se tornem irracionais nossos engajamentos cotidianos. acho que é só depois que ouvi o maia (juntamente com outras figuras igualmente formidáveis) falar em assembléias e encontros do Arte Contra Barbárie é que me dei conta do que significa militância política, o que quer dizer engajar-se politicamente, e que nisso tudo, mesmo compreendendo muito bem as questões que se apresentam diante de nós, sendo capazes de distinguir os engodos das questões que valem a pena aprofundar, isso não quer dizer que nos livramos de uma mediação que faz com que estejamos enganando a nós mesmos. considerando estas duas figuras que conheci, e que dolorosamente, pouco a pouco, cai a ficha de que não poderei conhecer melhor, expresso, com toda sinceridade e carinho que eu consiga demonstrar, as minhas condolências. ele era justamente o cara que não podíamos perder em tempos de terra arrasada.

desejo muita força a vocês. e vamo que vamo.

FOI COM ENORME E IMENSA TRISTEZA QUE RECEBI ESTA TRISTE NOTÍCIA DA SAÍDA DE CENA DE NOSSO QUERIDO AMIGO REINALDO MAIA.

COMPARTILHO COM TODOS VOCES ESTE PESAR FICO EM MINHA MEMÓRIA COM SUA ALEGRIA, SUA LUCIDEZ PARA COM A VIDA E SUA ENTREGA PARA COM A ARTE TEATRAL FORÇA E MUITA CORAGEM NESTE MOMENTO ADEUS MEU QUERIDO AMIGO REINALDO!

CARINHO
DUDUDE HERRMANN

Ao Foliás d'Arte,

Nós queremos expressar a nossa tristeza e nos solidarizar com o Foliás e com a família do companheiro Reinaldo Maia. Nós estamos longe de São Paulo, mas nos sentimos próximos de vocês nesse momento de perda.

O Maia certamente apreciaria uma palavra militante, aí vai ela:

"El arte, cuando es muy particular, tiene la gracia y el milagro de volverse universal. Esa es nuestra pretensión. Nuestra identidad es el trabajo en el que más nos esmeramos, llegar a dar cuenta de la situación particular y específica de Colombia, de nuestra realidad."

Santiago Garcia
Teatro de la Candelaria

O Maia sempre usou a sua inteligência e sensibilidade (e um certo humor amargo, que ninguém vai esquecer) para dar conta da nossa contraditória realidade brasileira.

Abraços,
Fernando Kinas | Fernanda Azevedo | Marcia Bechara |
Kiwi Companhia de Teatro

Sinto pelo nascimento de uma estrela no céu
Um abraço a todos do Foliás
Luiz Aureliano

Meus queridos, meus amores

Choro com voces

Obrigada por me avisar... Como não tenho o hábito de abrir as mensagens todos os dias, não deu para abraçar vocês...

Se houver uma missa por favor me avisem!

Com carinho

Selma Luchesi

Ao Foliás

A todos os integrantes do Nucleo Foliás, partilhamos a tristeza e o pesar profundo com a perda do Reinaldo que tantas lutas empreendeu pelo teatro paulistano e especialmente, pela criação da Lei de Fomento ao teatro. Não comparecemos ao galpão no dia 17, por estarmos em fim de semana e vespera da feriado. Só recebemos hj este comunicado. Mas pela imprensa acompanhamos a noticia. Lamentamos muito e pensamos na familia que ficou e na outra familia, que é o Foliás d'Arte. Um abraço forte do Nucleo de Acompanhamento ao Fomento... O reinaldo fará falta sempre.

Graça e Equipe. (Vania, Julia e Rafaela)

Estimado Marco Antonio:

Con profundo dolor supe de la muerte del querido amigo Reinaldo Maia, quien nos acompañó como jurado del Premio Casa de las Américas y a quien siempre hemos

tenido presente gracias a su Matraca Cultural, de la cual hemos reproducido algún trabajo. En La Habana, durante las sesiones del Premio descubrimos un ser entrañable, apasionado y humanista, y un artista talentoso y agudo. Justo ahora tenemos en proceso de impresión el número de la revista Conjunto que contiene su trabajo y el tuyo, los que tan amablemente nos facilitara Maia. Y recuerdo con mucho gusto cómo, cuando visité Sao Paulo hace unos años, Maia me llevó a conocer la sede de Foliás, y luego, en 2007, compartí con él en el II Encuentro Latinoamericano de Teatro de Grupo. No les había escrito antes pues no tenía a mano la dirección de ustedes. (Actualmente, además soy consejera cultural de la Embajada de Cuba en México y comparto mis funciones de la revista con otras muchas relacionadas con la cultura cubana). Reciban nuestro mensaje de pena y nuestra compañía, que te ruego hagas extensiva a los familiares del querido Maia.

Un fuerte abrazo,

Vivian Martínez Tabares
Directora
Revista Conjunto
Casa de las Américas

AMIGOS DE IBITINGA

Somos de Ibitinga, terra natal do Maia, fazendo uma campanha para a substituição do nome do teatro municipal, a ser inaugurado, para, "Teatro Municipal Reinaldo Maia". O nome atualmente do teatro é meramente político, um empresário da cidade que nada fez pela cultura da

cidade. Por favor envie-nos um email dizendo porque você acha que nosso teatro deve-se chamar Reinaldo Maia.

Obrigado,
Espéro informar em breve nossa vitória.
Abraços.

Os membros do Teatro Popular União e Olho Vivo e companheiros do teatro de rua hipotecam seu total apoio ao movimento em prol de que a denominação do Teatro Municipal da cidade de Ibitinga receba a denominação de Teatro Municipal Reinaldo Maia que foi um lutador de destaque em defesa da cultura popular, do teatro e da busca de uma sociedade livre e justa.

10

abraços

Cesar Vieira (Idibal Pivetta) pelo TUOV | Bia Giroldo | Catia Fantin | Cicero Almeida | Douglas Cabra | Eliezer Martins | Gil Teixeira | Graciela Rodriguez | José Maria Giroldo | Lia Mirtez | Lucas Cesar | Mariza Dutra | Mauricio Gonçalves | Monique Macedo | Neriney Moreira | Oswaldo Ribeiro | Paloma Siqueira | Saryda Andara | Will Martinez

De Salvador, meu imenso pesar por esta triste notícia. Registro aqui minha admiração e carinho pelo querido Maia.

Abraços,
Gordo Neto

Pessoal do Folias e familiares de Reinaldo Maia,

Vai-se um guerreiro do teatro brasileiro, com ele aprendemos a entender o sentido e a necessidade do teatro. Grande perda! Nosso pesar, nossa admiração e carinho.

Andréa Freire
Oficina de Criação Teatral
Mato Grosso do Sul

Queridos compañeros:

Estoy desolado.
Estamos desolados.

Con Reinaldo compartimos grandes acontecimientos desde los años duros, cuando fundamos en Nicaragua la Instancia Coordinadora de Teatristas Latinoamericanos, que cumpliera una importante tarea de solidaridad.

Pasaron esos años, la Instancia se disolvió, pero Reinaldo siguió trabajando sin descanso hasta el aciago día de hoy.

Es una pérdida enorme para ustedes, sus compañeros más cercanos.

Pero también es una pérdida irreparable para el teatro latinoamericano.

El Galpón le rinde su homenaje fraterno.

Reciban el abrazo solidario de todos los compañeros de El Galpón.

Arturo Fleitas
Institución Teatral El Galpón

REINALDO NOS DEIXOU.

A OUSADIA DA AÇÃO E O DESTEMOR DAS PALAVRAS FICARAM ÓRFÃOS DO MAIS FERVOROSO OPERÁRIO DO TEATRO PAULISTA. CABE A NÓS HONRAR DORAVANTE OS IDEAIS DE UM COMPANHEIRO DE EXTREMA GENEROSIDADE E DESPRENDIMENTO INCOMUM.

Elvira e Afonso Gentil.

Queridos Irmãos

É com profunda tristeza que nos juntamos a vós na perda do querido Maia que ainda à pouco tinha abraçado aí, desse lado. Vosso e nosso companheiro de luta. Vosso e também um bocadinho nosso fazedor de palavras que se tornaram matéria.

Dêem-lhe um grande beijo meu e dos portugas todos d'O Teatrão para o acompanhar.

Isa



Foto: Adalberto Lima

Reinaldo Maia "El Día Que Me Quieras" (2006)



(de pé) Bianca Sgai Franco | Fernanda Aloi | Danilo Moreno | Valéria Simeão | Ricardo Corrêa | Débora Raquel | Tatiana Freire | Júlio Mello | Bia Toledo
| Flávia Tavares | Edson Thiago | Carol Cal | Letícia Monsó | (abaixadas) Carla Kinzo | Tarcila Albuquerque | Renata Rosa | (primeiro plano) Camila Urbano
| Jucelma Araújo | Réggis Silva em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)

NOTAS SOBRE UMA OFICINA DE DRAMATURGIA

Mas isso não é uma oficina de dramaturgia? Não é um curso de como escrever para teatro? Não é simples assim?

Não, não é simples assim. Não dessa vez, ao menos. Vou tentar explicar. Primeiro porque se trata de uma oficina de dramaturgia no Galpão de Folias. Então, não seria possível pensá-la como se não fosse parte do projeto do grupo, de sua trajetória. Depois, porque ninguém ensina ninguém a escrever para teatro. Pode-se aprender, mas não ensinar, uma vez disse Luis Alberto de Abreu; e concordo com ele.

É claro que uma boa oficina poderia dar conta de informações sobre os principais dramaturgos da atualidade ou da antiguidade, por exemplo, dissecar mecanismos e estruturas da sua dramaturgia. Talvez já estivéssemos todos satisfeitos se algo mais sobre Brecht ou Beckett nos fosse esclarecido, se lêssemos uma peça de Vianninha que ainda nos fosse desconhecida. Concordo que o conhecimento sobre estruturas de peças maravilhosas seja algo muito importante na formação de artistas de teatro. E isso pode ser alcançado de diversas formas, através de estudos e leituras, de disposição para "desmontar o relógio" de Rei Lear, por exemplo, classificar suas partes e voltar a montar, e assim entender o que Shakespeare construiu.

Mas uma oficina de curta duração é principalmente um lugar de fazer. Lugar de tentar, lugar de refletir fazendo, lugar de abrir as possibilidades do que possa ser um processo de criação que tenha sentido para quem o faz, lugar de problematizar, na prática, pressupostos já muito

arraigados. Então, é possível estudar como Plínio Marcos escrevia suas peças. Mas reproduzir o que fez, reproduzir o olhar que tinha para o mundo, é algo que não é tão fácil.

Quando comecei a ponderar sobre esse último problema, que era o que me parecia mais interessante - principalmente depois de conhecer quais eram as expectativas dos alunos da oficina -, logo percebi que poderia propor um caminho que desse valor às perguntas, às inquietações de cada um, em relação ao teatro que se quer fazer. E tais perguntas na verdade seriam feitas pelos alunos, para si mesmos; a oficina pode somente dar o espaço para que isso seja feito em voz alta, em companhia de outras pessoas interessadas em teatro, dentro da sede-teatro de um grupo, e não na solidão de algum cômodo.

Então, valendo-me de toda liberdade e licenças da parte do Grupo Folias, compartilhei de inquietações minhas e de práticas e exercícios que costumam fazer com que eu chegue mais próxima do que desejo, ou ainda que consiga formular questões com mais clareza. A dúvida expressa com clareza já indica, muitas vezes, o caminho que se deve percorrer.

Eu fazia questão de chegar mais cedo, depois de ter estacionado o carro e andado pelas redondezas do Folias, ali em Santa Cecília. E me perguntava: para o que devo olhar? O que o meu olhar escolhe, por aqui? O que eu escolho da cidade em que vivemos? Quem é que vê o que eu vejo: é possível que seja outro o que

vê, que não eu? É possível observar a Rua Ana Cintra, o Largo da Igreja de Santa Cecília, a rampa do metrô, a loja de objetos muito usados lá da frente... é possível que eu olhe para essas coisas como se fosse a primeira vez? É possível olhar para as coisas e vê-las como são, ao invés de impor todo tempo o que pensei de coisas semelhantes no ano passado? E depois, como isso vira teatro? Primeiro sempre tem que vir o tema, a idéia? Ou é possível que na frente venha o olhar, a proposta imagética, uma questão estética, as cores do que eu acabei de ver e que me emocionaram?

E ainda algo mais potente se faz questionar: porque preciso fazer teatro disso? A vida já não é tão forte? Que poética pode saltar dali? A imagem daquela mulher sem cabelos, ou a do menino que mama em pé em plena rua: isso não é suficientemente expressivo e real? Que força terá a representação disso?

A partir daí é que propus os exercícios práticos aos alunos. Expandir a idéia do que é pensar, aumentar a capacidade de sermos alterados por alguma experiência¹, exercitar o "olhar de poeta"², o primeiro olhar e o último olhar³, extrair as palavras que já estão contidas nas situações e nas pessoas, etc. Foram muitos exercícios de escrita, que não necessariamente resultaram em cenas maravilhosas. Um exercício é um exercício, só. Ele não precisa "dar certo", mas ser um procedimento de descobertas. Não se trata de fazê-lo bem, coerentemente, mas de explorá-lo com liberdade. É necessário dar mais ar para a pergunta, oferecer-lhe água. E dar mais ar a uma questão pode ser, ao contrário do que se espera de nós, que não a respondamos a qualquer custo, mas que possamos

potencializá-la ainda mais, como questão. O exercício é um detonante do que temos em nós mesmos, daquela coisa de que falamos no início: de como somos capazes de ver este mundo, este que está aí, lá fora, ali.

Mas, na verdade, o problema maior talvez esteja mesmo no que nos movimenta a fazer teatro, a escrever para teatro. O que nos move? O que queremos conseguir, aonde queremos chegar? Essa pergunta começou a tomar uma proporção antes desconhecida. Antes da experiência dessa oficina, era muito claro pra mim que aqueles que se dispusessem a escrever para teatro o deveriam fazer com algum objetivo maior do que si mesmo, maior que a vontade de ser bem sucedido, digamos assim, generalizando. Porque fazer teatro é difícil, porque fazer teatro pode mudar o mundo para bem melhor – se não o mundo, pelos menos o pequeno círculo à nossa volta. E pode, portanto, ser importante para a cidade, de fato.

Sem dúvida isso continua importante. Mas olhando bem o Galpão do Folias, tentando enxergar os rostos dos alunos à minha frente, semana após semana, vendo as características do material que produziam... agora acho que devemos escrever sim, todo tempo. Mesmo quando não tivermos clareza. Mesmo quando não tivermos uma grande idéia de onde partir, nem soubermos aonde queremos chegar. Porque, se não escrevermos, não acontece nada. E tudo continuará como está, como antes. Se não escrevermos, talvez ninguém o faça por nós. E uma cena razoável será sempre melhor teatro que uma grande idéia que não nasce, que não desce à terra. Ainda não foram escritas todas as peças das quais

carecemos. Dispor-se à escrever para teatro pode ser o início da transformação, uma reação, na medida em que ouvimos, todo o tempo, que não somos capazes, que não correspondemos, que dentre nós jamais haverá outro Nelson Rodrigues. Escrever pode ser a primeira reação a isso. A segunda será encontrar pessoas que podem estar junto, e lá na cena. A terceira será encontrar o público, finalmente! A quarta será recomeçar. A quinta...?

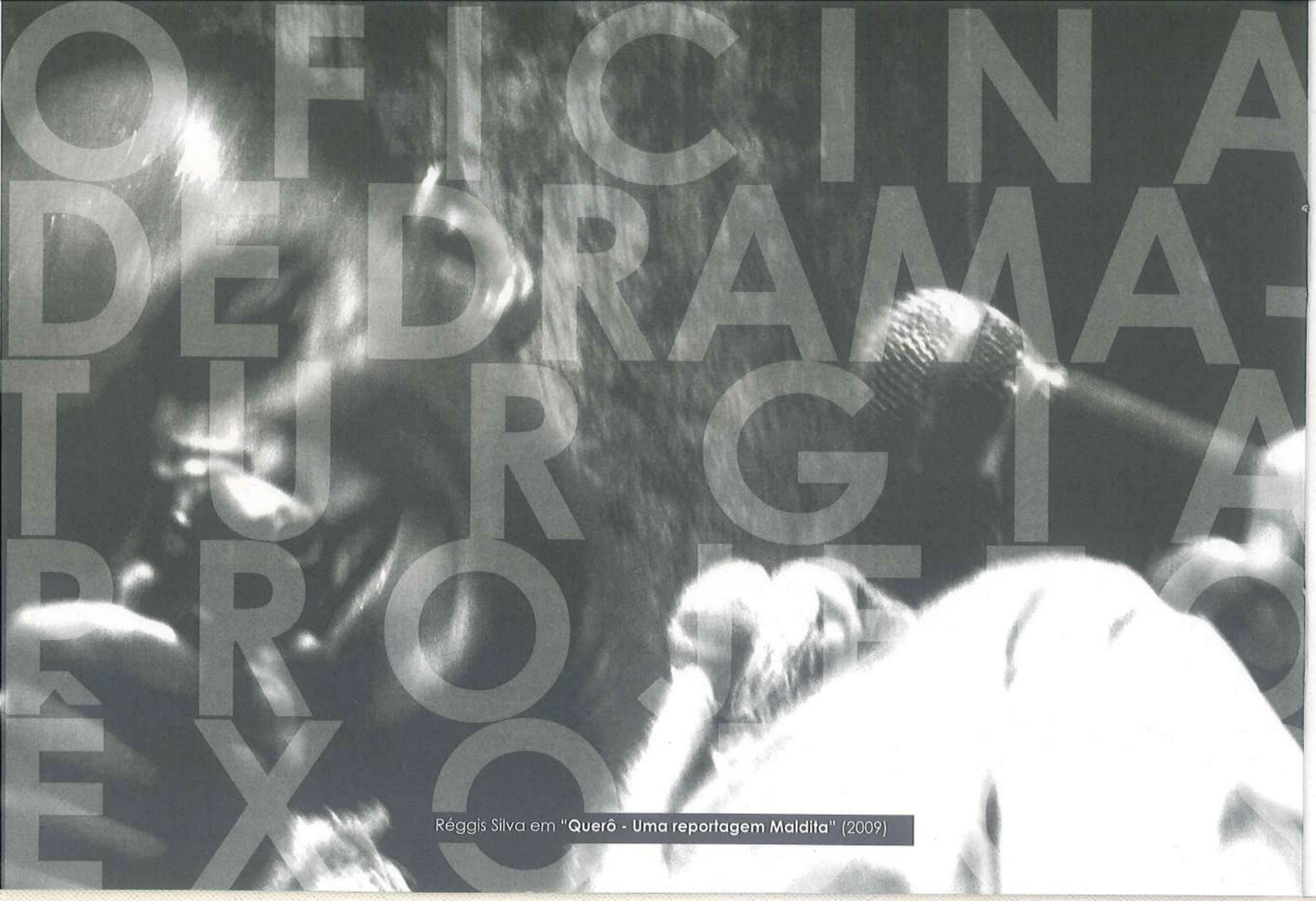
Lucienne Guedes

¹ Na oficina usamos como base para isso o texto Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência, de Jorge Larrossa Bondía, publicado na Revista Brasileira de Educação, no. 19, janeiro, fevereiro, março, abril 2002.

² O que chamo aqui de exercitar o olhar de poeta foi estimulado a partir do texto de Rubem Alves, A Complicada Arte de Ver, artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, na edição de 26 de outubro de 2004.

³ Já para experiencarmos o que chamamos de primeiro e último olhar, vale a pena ler o texto de Otto Lara Resende, Vista Cansada, artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, na edição de 23 de fevereiro de 1992.

Rodrigo Scarpelli em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)



Réggis Silva em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)

OFICINA DE DRAMATURGIA - PROJETO ÊXODOS

Não sei porque mas antes de escrever qualquer coisa sobre a oficina de dramaturgia que aconteceu no Folias em 2008, dentro do Projeto Êxodos, da qual ainda participaram Claudia Schapira e Lucienne Guedes, é a de tentar descrever um cenário em que ela aconteceria. A vontade pode ser fruto do espanto que tive quando tomei contato, pela primeira vez, com esse termo para designar o que em minha época se chamaria "curso". "Você vai fazer a oficina?" Para mim oficina era mecânica e olha lá!

Como seria uma Oficina de Dramaturgia? A descrição que passo a fazer é verdadeira no mundo ficcional, onde a verossimilhança tem a ver com a convenção e não com a "realidade". Um prédio, com duas portas de ferro de correr, uma placa onde se lê - "Oficina de Dramaturgia - Aberta 24 Horas". No interior, tudo muito limpo, algumas mesas com luminárias individuais, cadeiras com rodinha e um "notebook". No fundo, um grande armário com várias gavetas, onde está indicado o que se encontrará no interior: canetas (de diferentes cores), lápis, borrachas, papel sulfite branco, dicionário do Teatro de Patrice Davis, o livro do Doc Comparato sobre roteiros, coisas de um dramaturgo do século passado(!?). Nelas também estão guardados a matéria principal do escritor: palavras e mais palavras, em ordem alfabética, formando um grande estoque a ser usado infinitamente sem risco de falta. Bem, esse perigo existe quando o seu usuário, por economia e por falta de hábito na leitura, tem um limitado estoque vocabular. Nada que não possa ser superado. Há também várias gavetas com ferramentas que servem

para vários concertos das diferentes "escolas" teatrais: romântica, realista, simbolista, naturalista, épica, etc. e tal. Há ainda pequenos acessórios, que podem ser usados para enfeitar e dar um brilho na escrita, independente das escolas: o lírico, a prosa, o verso, a música, a poesia... Como é de se esperar de uma boa oficina, há manuais e mais manuais de explicação dos últimos lançamentos mundiais. Na atualidade os de maiores procuras são os manuais do "pós-moderno" e do "bio-drama". Esqueci de dizer, os manuais são em alemão, porque para se entender é melhor ler o original.

Nada disso teria realidade e substância se não houvesse a "figura" do oficineiro. Nem muito alto, nem muito baixo. Roupas que revelam sua personalidade independente e criativa. Óculos para enxergar de perto, denotando seu hábito da leitura, bolsa e/ou mochila, onde carrega suas referências bibliográficas mais usuais, alguns textos escritos e vários projetos de encenações. Geralmente, esses trabalhadores braçais, não estou enganado não, como diz Carlos Drummond - a escrita é 90% transpiração e 10% inspiração - tem que ter um sentido de observação desenvolvido, necessário para diagnosticar como e sobre o que escrever. Ah! Ia esquecendo, alguns deles desenvolvem uma pequena "olheira" fruto de noites mal dormidas. A pretensão - ensinar o "outro" a escrever para teatro, transmitir as normas, regras e demais truques do ofício de "escrivinhador de peças teatrais". Acreditam deter a "receita" que produz o grande texto teatral. Como dramaturgos, às vezes, se confundem com "demiurgos", acreditando ser verdadeiros deuses a criar mundos, personas, situações, tramas, destinos... ►



Edson Aranha | Thiago Bugallo | Ieltxu Martinez Ortueta em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)

Bem, escrevo tudo isso, porque tenho que confessar ao leitor um segredo, nunca fiz uma oficina de dramaturgia. Talvez por isso não seja considerado dramaturgo por um montão de estudiosos, críticos e enciclopedistas de plantão Brasil afora, apesar de escrever, nas minhas contas, há 40 anos. Posso dizer, sem com isso achar que estou levando vantagem ou sendo melhor que "alguém", que sou de um tempo que existia a censura política e que a escrita teatral não se ensinava, se exercitava, se praticava, era vista como instrumento para dar vazão ao pensar sobre o Homem e o mundo. Os grandes professores que tive foram os autores que li e/ou representei e os teóricos que chegaram até mim independente da censura. Por essas e por outras é que nunca fui a pessoa indicada para ficar falando de "estilos", classificando os gêneros, determinando as escolas, desatando os nós, preparando os climas e anticlimas, coisas que agradam sobremaneira aqueles que tem na escrita não um instrumento de inserção e intervenção no mundo, mas um hobby para demonstrar sua "criatividade ornamental" de escrever sobre as "coisas do mundo" e para entreter o "outro". A minha escrita teatral, para muitos isso será uma confissão desonrosa, sempre foi exercida com a ambição de contribuir com a transformação do mundo, que acredito ser injusto e desumano. Como diria a "camarada" Iná Camargo: "a minha escrita coloquei ao lado dos excluídos, dos explorados, daqueles que ainda não são..."

Superado esses parágrafos confessionais, vamos ao que interessa, que atrás tem gente! Nas oficinas de dramaturgia do Projeto "Êxodos", dadas como disse anteriormente, por mim, pela Claudia Schapira e pela Lucienne Guedes,

antes de ser estabelecido uma metodologia comum, uma bibliografia obrigatória, uma rotina e modo de se dar a oficina comum à todos, foi estabelecido um único princípio, se assim pode ser chamado, os três oficinairos perguntariam para os inscitos e candidatos a dramaturgos: porquê escrever para teatro? Essa singela pergunta deveria ser respondida na inscrição e ser refeita toda vez que alguém escrevesse um texto, motivo maior da oficina. Tirando essa combinação, que não sai caro, cada responsável conduziria seus encontros conforme acreditasse ser mais "inútil" para os seus dramaturgos. Digo "inútil", porque na minha acepção do que entendo pelo escrever, que é pensar, não teria cabimento se ensinar o "útil", o já sabido, o consagrado, aquilo que é visto como natural, que é o de "produzir uma mercadoria", tal qual em uma linha de "montagem fordiana". Isto é, a escrita teatral tendo um "Valor de Troca" maior que o seu "Valor de Uso", cá entre nós, não serve para nada. É na sua "inutilidade" que o adquire sua "utilidade".

Para iniciar o questionamento proposto, indiquei como primeira leitura, por acreditar ainda ter vigência para aqueles que querem se aventurar pelo mundo da escrita teatral com uma função social, o ensaio de Bertolt Brecht, escrito em 1934, "Cinco dificuldades No Escrever a Verdade". E nada melhor citá-lo para ficar claro o porque da sua vigência e atualidade:

"Quem, nos dias de hoje, quiser lutar contra a mentira e a ignorância e escrever a verdade tem de superar ao menos cinco dificuldades. Dever ter a coragem de escrever a verdade, embora ela se encontre escamoteada em toda parte; deve ter a inteligência de reconhecê-la, embora

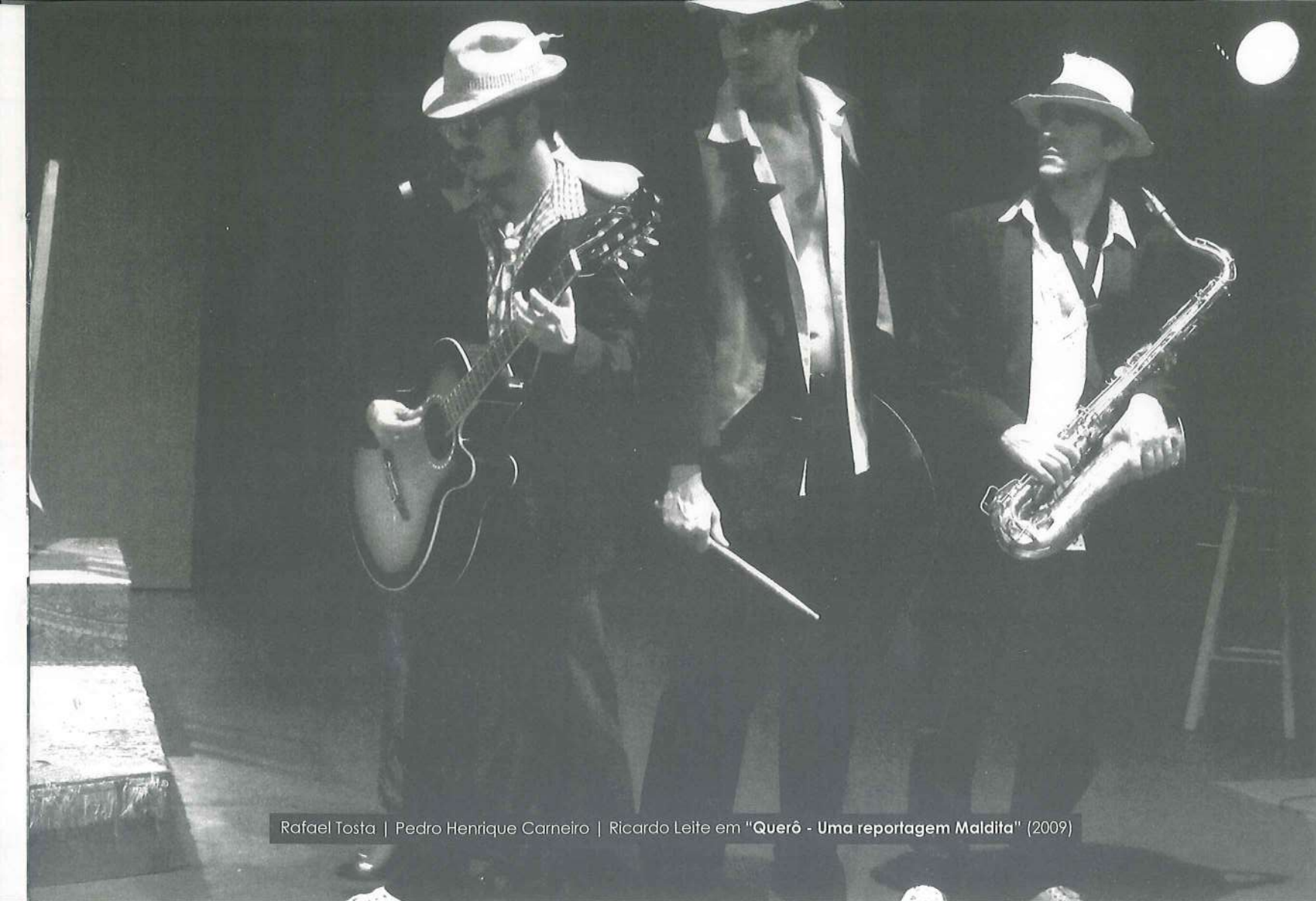
ela se mostre permanentemente disfarçada; deve entender da arte de manejá-la como arma; deve ter a capacidade de escolher em que mãos será eficiente; deve ter a astúcia de divulgá-la entre os escolhidos. Estas dificuldades são grandes para os escritores que vivem sob o fascismo, mas existem também para aqueles que fugiram ou se asilaram. E mesmo para aqueles que escrevem em países de liberdade burguesa."

Vamos começar pelo fim e acreditar que vivemos em um país com liberdades burguesas garantidas, o que significa viver em uma "realidade fechada", asilados em nosso próprio território, onde ao contrário do que está escrito na Constituição, "alguns são mais iguais do que outros". Então, o alerta de Bertolt Brecht tem validade na nossa realidade, mesmo estando vivendo numa democracia burguesa. Claro que para alguns isso é de menos importância. Vamos analisar como se dão as dificuldades em nossa realidade e se há maneira de superá-las e como.

Partamos do princípio de que quem pretender "escrever", quer escrever a "verdade", mesmo que seja a "verdade pequeno-burguesa", subjetiva e individualista, que se restringe ao próprio umbigo. Para conseguir essa façanha o "criador" tem que superar a ignorância, o desconhecimento. O simples fato da alfabetização já é uma superação importante a ser conquistada, senão como se expressar? Agora, se quem quer se comunicar, escrever o que pensa, revelando a "verdade" em que acredita, objetivando "transformar a si mesmo e aos seus ouvintes", há de convir que, encontrá-la, é uma tarefa monumental a exigir superação e estudo, que envolve

outros saberes. Na sociedade em que vivemos, onde a "aparência" supera a realidade do "ser", se não se escavar a realidade o que se apresenta como verdade é mera "imagem ilusória". Alguns dados confirmam essa dificuldade. No Brasil a imprensa está em mãos de uma única classe social. Todas as informações que chegam até nós sejam pela mídia impressa, eletrônica e/ou virtual, pelo sistema educacional, tem a mesma origem e são manipuladas pelas mesmas "mãos". Mãos estas que tem como interesse a defesa e a manutenção do "status quo" em que vivemos. Como lemos em Marx: a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante, no nosso caso a ideologia do Capital.

Partir dessa constatação, e quero deixar claro que não escrevo para entreter os ociosos, significa escolher um lado, que não significa enrijecer sob o dogmatismo partidário, mas estabelecer o ponto de partida em que se dará o diálogo entre os diferentes. Na atualidade o politicamente correto nos aconselha, no que diz respeito a política e arte, a mostrar "neutralidade", tal qual como nas ciências como acreditavam os conservadores de sempre. Hoje sabemos, e mais ainda depois da obra "Galileo Galilei" de Bertolt Brecht, que a dita neutralidade só serve para escamotear a diferença e para subjugar as classes sociais exploradas. É a construção da falsa "igualdade" que principia a maioria das Constituições de todos os países. Ora, ter um "ponto de partida" é fundamental para quem tem a pretensão de refletir sobre o Homem e o mundo. Ainda mais em uma arte que é, antes de tudo, produção de pensamento, que se utiliza de diferentes linguagens para expressar o seu "conhecimento" singular. A inocência da "arte pela ►



Rafael Tosta | Pedro Henrique Carneiro | Ricardo Leite em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)

arte", não engajada, de entretenimento, sem posição política, fenece quando se inscreve, na folha branca, a primeira palavra do texto. O "faça-se a luz" divino já deixou explícito a possibilidade do não "faça-se luz".

A escrita teatral, vista desse ângulo, faz parte do trabalho intelectual que quer criar um discurso sobre o mundo, que o explique e influencie o "outro". O "criador", ao exercer a sua liberdade de criação e optar pela a "neutralidade política" (como se fora possível), ao se omitir diante das contradições do mundo, deixa claro sua "visão política", mesmo inconsciente dessa escolha. Escolhas, que para o criador exigem um conhecimento que vai além do conhecimento das técnicas de escrita teatral. O domínio da técnica, o domínio da forma está ao alcance e disponível nos manuais e cursos ofertados aos milhares. O que não se encontra no "mercado das ilusões" é o domínio do pensar, mas formados que somos, como indivíduos, desde a infância, pelo sistema educacional que nos é oferecido. Hoje, o que nos é negado é o "exercício e a prática" do pensar, do perguntar, do duvidar das coisas do mundo. O que é negado para a grande maioria é o "saber" das consequências que tem o "pensar por pensar". Em nossa formação cultural isto é uma característica vista como natural.

Falando sobre o Brasil do início do século XIX, Nelson Werneck Sodré diagnostica essa característica de nossa formação cultural que, no meu entender, perdura até hoje:

"Numa estrutura social como a existente no Brasil do início do século XIX, a camada intermediária, em que

são recrutados os intelectuais, deveria depender da classe dominante, cujos padrões aceita e consagra. Nada a aproxima das classes dominadas, que fornecem o trabalho. O próprio trabalho degrada socialmente e só pode ser entendido como trabalho físico, pertencendo ao escravo e ao servo, particularmente ao primeiro. (...) Diferente do trabalho físico – nem mesmo tido como trabalho – a atividade intelectual não era incompatível com os padrões da classe dominante e se apresentava mesmo como destinada a preencher lazeres, quando consumida, e a constituir ornamento quando exercida. Assim, a atividade do espírito podia ser praticada, sem desdouro, pelos elementos da camada intermediária, que respeitavam os padrões da classe dominante".

Numa oficina de dramaturgia o maior número de interessados, mesmo que divulgada junta as classes sociais que não costumam freqüentar o teatro, são indivíduos oriundos da classe média alfabetizada e, em sua maioria, com segundo grau completo. Isto é, uma minoria social, tendo em vista a população do país. Esse dado na atualidade ganha maior significação, quando sabemos que há falta de emprego mesmo para o trabalhador com alguma escolaridade. Isto é, à classe média há poucas possibilidades de encontrar algo que corresponda a seu anseio de classe e que permita a sua ascensão econômica, ilusão alimentada pela economia liberal. Assim, as atividades da área da diversão e do terceiro setor, que não desmoraliza frente à "classe dominante", passaram a ser as alternativas de ocupação. Ocupação que não lhes dá "altos rendimentos", mas que a distingue da massa anônima da "sociedade da aparência". Assim, o "fazer artístico" é uma das formas possíveis de se ►



Pedro Lopes | Carol Cal | Adriano Motta | Tarcila Albuquerque Adriano Merlini | Ricardo Corrêa em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)

fugir do trabalho assalariado degradante. Assim como, mais recente, é a da carreira de jogador de futebol. O aumento de escolinhas de futebol para os filhos da classe média, corresponde ao aumento do interesse e de procura para se fugir do desemprego e alimentar o "sonho" do sucesso profissional. Quais os dias dos "Kakás" da vida.

A oficina teve o papel de questionar os motivos pelos quais o dramaturgo escreveu desta ou daquela maneira, este ou aquele tema. A escrita, ao lado da discussão estética e ética, como o centro dos encontros, onde a figura do oficinheiro deixa de ser a do "sabe-tudo", para se transformar na do "companheiro de jornada" a questionar as escolhas dos diferentes criadores, não para moldar um pensamento único, mas para se fazer ver a diferença. Não devemos esquecer que, uma pessoa com uma formação secundária, com acesso às formas existentes hoje, de informação, computador, internet principalmente, não terá dificuldade em escrever. Se não conhece a escrita teatral, por não ter o hábito de frequentá-lo, pelo fato de ter entre suas opções de entretenimento as novelas, que chegam em sua casa gratuitamente, sabe como contar um "causo" através dos diálogos. E, não podemos esquecer que, muitos dos que procuram uma oficina de dramaturgia, a procuram com o sonho de um dia escreverem novelas. O que de fato essas pessoas desconhecem ou nunca se perguntaram é o porquê de se escrever e, em particular, se escrever para teatro.

Como a Questão Cultural transformou-se em uma questão mercadológica e, para muitos, devido mesmo

à difusão em massa da ideologia dominante, a cultura é um negócio, a criação artística é vista somente sobre o prisma da produção de mercadoria, sem outra função social do que a de se gerar ganhos econômicos para os seus criadores.

O que não é natural, para a maioria da população, inclusive para uma certa "esquerda" desculturalizada, é que a criação cultural tenha um papel e função social a cumprir distintos de ser mera "moeda de troca e mercadoria" em oferta no negócio do lazer e do entretenimento. Como diria Marx: "*o poeta necessita de dinheiro para viver, mas se fizer poesia para ganhar dinheiro, então (...)*". Ou seja, é visto como natural a disassociação da "arte" com relação às suas responsabilidades para com aqueles com quem se comunica.

O papel da oficina foi o de questionar e fazer com que os participantes olhassem o "natural" como não sendo "natural", mas construído pelas relações econômicas historicamente construídas vigente na sociedade. Isto é, a criação cultural como mercadoria não é o estágio final das "artes" e nem sempre foi essa a compreensão e o entendimento que tiveram os artistas e os cidadãos, sobre o seu papel e função. Antes de ser uma oficina "construtiva" foi uma oficina "desconstrutiva". Desmitificar, tornar consciente, historicizar o momento que se vive, para que o futuro dramaturgo possa escolher que caminho quer trilhar sabendo dizer o "porquê" de sua escolha. Pode parecer pouco, mas, período histórico em que nos encontramos é um passo enorme que se dá. E para se dar esse passo, há que se ter coragem e disciplina

para romper com várias deformações culturais que conformam a nossa cultura e modo de ser.

Uma desconstrução pode ser feita de diversas maneiras. Para que ela aconteça não como fruto da soberba do "artífice" que a promove, mas como criação de condições para a nova construção, não deve haver receitas. Há que se levar em conta que os inscritos tem suas experiências, seus conhecimentos, suas posições políticas, isto é, são diversos entre si e do próprio oficineiro. A primeira lição que se aprende quando se aceita um desafio como esse é que a primeira desconstrução a ser feita é da "persona social" que cada um constrói para si para sobreviver na sociedade do espetáculo. Ir de encontro aos "sonhos e desejos" da nossa individualidade em contraposição às "ilusões e anseios" impostos a cada um de nós pela ideologia dominante da Mercadoria e do Consumo. Aceitar que, na maioria das vezes, o que se acredita ser, muitas vezes, uma manifestação do nosso "eu", não passa de uma reprodução de discurso alheio que nos é legado por alguma forma de "desinformação" de massa existente.

Foram semanas em que, provocados por estímulos externos ou próprios, os participantes criaram seus textos. Cada qual utilizando-se de "formas" que correspondiam ao conteúdo que queriam comunicar. Através dos textos escritos foi possível ver, livre da camisa de força da técnica e entendendo-a como meio e não fim, conteúdo e forma a "serviço" da expressão do criador. E a diversidade como fruto da própria diferença de origem, de formação, dos interesses dos participantes.

E para finalizar quero retomar a ficção de como seria a oficina de um dramaturgo. Creio que a melhor imagem seria a do "teatro do mundo", isto é, o mundo como o grande laboratório capaz de estimular a criação dos que querem conhecê-lo, discutí-lo utilizando-se da forma artística. Ou como disse Bertolt Brecht, com relação ao trabalho do ator, mas que vale também para os dramaturgos que querem falar a sua época e aos contemporâneos:

*"Vocês, artistas, que fazem teatro
em grandes casas, sob a luz de sóis postiços,
ante à platéia em silêncio, observem de vez em quando
esse teatro que tem na rua o seu palco:
cotidiano, multifário, inglório,
mas tão vivido e terrestre, feito da vida em comum
dos homens – esse teatro que tem na rua o seu palco."*

(...)

*"Fiquemos, pois, entendidos: ainda quando aperfeiçoem
o que faz o homem do canto da rua,
vocês ainda estarão fazendo menos
do que ele, se ao teatro de vocês
derem menos sentido, com motivos menores,
participando menos da vida do público e
com menos serventia."*

**Reinaldo Maia
(Janeiro 2009)**



Danilo Moreno | Adriano Motta | Regina Pereira | Réggis Silva em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)



Tulio Pezzoni em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)



ENCONTROS SOBRE O DIZER

Quando o Reinaldo maia me convidou para coordenar uma oficina de dramaturgia no Foliás ele me disse: "meu verbo esgotou... Por enquanto... Quero sentir o olhar feminino que você e a Lucienne Guedes têm sobre o escrever para um coletivo ao qual é preciso dar voz..." Aceitei imediatamente - silenciando por dentro, quase perplexa pela sincronia -... Estava eu num momento de revisão sobre o escrever para um coletivo; sobre como reinventar o meu verbo para dar conta de tamanha diversidade... Sobre a diferença de escrever apenas à luz da minha própria experiência de vida, registrando minhas impressões, e escrever dentro de um processo colaborativo, onde ação cênica e dramaturgia se perpassam numa criação simultânea, onde o verbo tem que provocar ação e essa ação reverberar de volta no papel num jogo gangorra que provoca o que hoje me aventuro a chamar de "dramaturgia cênica". Sim, meu discurso construído, emoldurado por rubricas e reticências será dessacralizado amanhã, na ação dos atores que irão subverter a estrutura, construir impressões e interferir no meu verbo, na tentativa de demonstrar que palavra e ação caminham juntas... Óbvio! Mas nem tanto na linha fina da criação... É isso? Talvez sim, talvez não... Talvez a busca de uma real alteridade... Uma dramaturgia a serviço da interação e da desconstrução; a criação de mundos que são na cena devastados como a própria realidade destes tempos de escuridão e vislumbre do novo... Talvez... Ainda mais quando ele me falou sobre o tema de provocação: êxodo! Tão ampla e eterna essa questão do exílio... E tão pontual... Afinal não é a escrita um exilar-se para o mundo das palavras

na tentativa de dar forma e voz ao indizível? Não é a dramaturgia "o partir" do lugar comum em busca da "terra prometida" sobre um novo imaginário que nos permita redimensionar a realidade e refletir para além do cotidiano sobre o tempo que nos tocou viver? Não é a escrita nada mais do que uma arma de inconformidade, uma reação sobre o que nos parece imutável e que nos possibilita criar uma zona autônoma temporária onde todas as utopias são possíveis e a invenção de mundos nos consolida a potência de interferir na concretude dos dias, edificando diversas realidades que perturbam o estabelecido evocando outra coisa?

É isso, tenho perguntas... Duvidas e inquietações... Pode ser?

Ele me disse: *faz isso, por favor! Provoque precipícios de palavras!*

E lá me aventurei no primeiro dia...

Um monte de olhares curiosos, caneta em punho, tentando beber em águas turbulentas... Não tenho nada a ensinar iniciei... Não há formulas... (sem nenhuma certeza sobre essas palavras) Não há estilos se vocês não tiverem uma premissa anterior que é o desejo incontrolável por dizer...

- Então se pode tudo -?

- Sim e não -...

Nesse impasse impreciso nos lançamos juntos durante 4 meses! As folhas em branco, tiranas e soberanas que á nossa frente pareciam abismar o nosso pensamento e ação!

O teatro é necessário? Como dizer? O que dizer? Como descobrir as palavras certas para gerar ação? Existe uma fórmula correta para escrever para a cena? As metáforas são involuntárias ou é preciso construí-las? Tenho que saber de antemão o que quero falar? As personagens vêm primeiro? A palavra dá conta de edificar um imaginário? A mistura de estilos é possível? O conceito estilo é real? É preciso sempre ter um comprometimento com o discurso criado? Como fugir das estruturas convencionais e criar linguagem? É possível ainda gerar algo novo? É Preciso ler os clássicos? Existe uma diferença palpável no escrever para o teatro? É possível se falar hoje - nesse pós-tudo - de uma nova dramaturgia? A desconstrução pós-moderna é uma licença para o discurso fragmentado? Como criar as situações e as personagens que sejam mais do que histórias, o resultado de uma observação aguçada sobre a época em que vivemos? É possível interferir no curso da história através da arte? Somos necessários? O que penso é importante para alguém além de mim? Qual a diferença entre um problema particular e uma questão coletiva? Falo de mim ou do outro? Esta fora ou está dentro? Poesia é dramaturgia? O que devo olhar? Como devo olhar? O entorno é a matéria prima que o tempo me oferece? Onde fisgar as palavras que estão à espera de pousar no papel? O que é mais importante na hora da criação? A idéia? O verbo? O que é evocado? Há certo ou errado? O que nos move? O que é original? Palavras... Palavras... Palavras...

Movidos e comovidos nos aventuramos, viajantes, a cada encontro a comparilhar nossas tímidas respostas... Como feridas abertas sangrando no instante, compartilhamos a nossa produção frente a tamanha incerteza. Propusemos encontros e situações, personagens e personalidades, sociedades e insanidades sociais que reabrim a cada relato essas feridas, e que nos permitiam pensar sobre esse fazer tão indomável. Escrevemos incansavelmente, impunemente, mas cuidadosos da labuta, refletindo sobre ela e revisitando a cada proposta, os procedimentos daqueles que já percorreram esse labirinto inóspito da dramaturgia. Percorremos caminhos conhecidos, outros menos, alguns atalhos frescos que vislumbraram o ainda não visto; afinal somos únicos e a compreensão de cada um sobre o grande mistério que é viver cria flores raras de expressão... Isso importa: a vontade de cada um de falar por todos, de presentear a sua originalidade para dar voz à muitos...

Creio que uma resposta ecoou, num pacto velado, sem que precisássemos afirmá-la, o teatro é necessário, simplesmente porque ele é o espaço incansável e inesgotável da utopia, onde a vida poderá ser reinventada sempre, enquanto houver vida.

Claudia Schapira

Textos de consulta

Para ler o teatro de Anne ubersfeld

Carta aberta

A partir do texto "Lettre au directeur du théâtre", de Denis Guénoun
Tradução e adaptação de Fernando Kinas



Réggis Silva | Edson Aranha | Jonaya de Castro | Pedro Lopes | Pedro Henrique Carneiro | Paula Flaiban em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)



Regina Pereira | Bia Toledo em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)



(de pé) Renata Rosa | Danilo Moreno | Tatiana Freire | Carla Kinzo | Blanca Sgai Franco | Jucelma Araújo | Valéria Simeão | Flávia Tavares | Carol Cal |
Fernanda Aloí | (abaixados) Camila Urbano | Jucelma Araújo | Réggis Silva | Fernanda Aloí em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)



Valéria Simeão | Adriano Merlini | Flávia Tavares | Tarcila Albuquerque | Luiz Xavier em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)

CECI BEIJOU PERI E AÍ JOSÉ II?

Adaptação Livre de Reinaldo Maia
(Cartas a Favor da Escravidão de José de Alencar)

A peça começa com o ator na sala de espera, no palco, pelo teatro ao olhar do público, lendo trechos do "Guarani" e/ou de "Iracema" de José de Alencar.

Erasmus

Eu acho muito sensual e sedutor o romantismo de José de Alencar. Mas não é sobre isso que quero falar. Às vezes eu penso, porque faço teatro, como faço teatro, como me dedico ao teatro, essas coisas que para o público pode não interessar, aparentemente, mas tem tudo a ver. Isso me veio a cabeça quando li o Sérgio Buarque de Hollanda:

"Só raramente nos aplicamos de corpo e alma à um objeto exterior a nos mesmos. (...) Somos notoriamente avessos às atividades morosas e monótonas, desde a criação estética até às artes servis, em que o sujeito se submeta deliberadamente à um mundo distinto dele: a personalidade individual dificilmente suporta ser comandada por um sistema exigente e disciplinador."

Nós vivemos no império do "eu". Só pensamos em fazer o que satisfaz o nosso "eu".

"É freqüente, entre nós, brasileiros, que se presumem intelectuais (ator é um intelectual?), a facilidade com que nos alimentamos, ao mesmo tempo, de doutrinas dos mais variados matizes e com que sustentamos, simultaneamente, as convicções mais dispares. Basta que

tais doutrinas e convicções se possam impor à imaginação por uma roupagem vistosa; palavras bonitas ou argumentos sedutores. A contradição que porventura possa existir entre elas parece-nos tão pouco chocante, que alguns se alarmariam e se revoltariam sinceramente quando não achássemos legítima sua capacidade de aceitá-las com o mesmo entusiasmo. Não há, talvez, nenhum exagero em dizer-se que quase todos os nossos homens de grande talento são um pouco dessa espécie."

Ou seja, o que me incomoda é que para nós há uma distância imensa entre o que falamos, discursamos e praticamos, fazemos no dia-a-dia. Gostamos é das modas. Somos épicos para falar dos dramas pessoais e sentimentais para falar de revolução. Adoramos ser classificados. Quero sair dessa camisa de força, de corresponder a imagens que me dão. Eu só quero é falar o que está me pegando, como diz o Zeca Baleiro em "Piercing"

*"Quando o homem inventou a roda
logo Deus inventou o freio.
Um dia, um feio inventou a moda,
E toda roda amou o feio."*

*Pra elevar minhas idéias não preciso de incenso
Eu existo porque penso tenso por isso existo
Não tenho papas na língua
Não trago padres na alma
Minha pátria é minha língua.*

*Eu vi o calo na rosa eu vi a ferida aberta
Eu tenho a palavra certa pra doutor não reclamar
Mas a minha mente boquiaberta
Precisa mesmo deserta
Aprender a soletrar.*

*Todo mundo sabe tudo todo mundo fala
Mas língua do mudo ninguém quer estudá-la
Quem não quer suar camisa não carrega mala
Revólver que ninguém usa não dispara bala
Casa grande faz fuxico
Quem leva fama é a senzala."*

Senzala, é disso que quero falar. E é sobre isso que quero trocar uma idéia com vocês. Ainda mais com essa crise financeira eterna a nos rondar. Alguns devem estar sentindo-se enganados com o que esperavam ver e estão assistindo. O próprio título "Ceci beijou Peri e aí José?" parece ser enganoso, mas não é. No caso é o José é o José de Alencar, responsável por tudo isso que vou falar. Eu encontrei um livro dele em que defende a escravidão. Inacreditável? O Zé de Alencar, não o vice-presidente, o escritor romântico, defende a escravidão. Pois é, tem tudo a ver, ele era filho de ruralista, parte da elite branca escravocrata. Ele foi contemporâneo do Castro Alves que escreveu os versos de "Navio Negreiro", que era abolicionista. Escutem os seus versos em francês. Eu não sei francês, mas é mais revolucionário na língua de Danton:

*"Qu'importe lê berceaudu nautonier
De qui il est fils, et quel este son foyer?
Il aime la cadene du vers
Que li enseigne le viel océan!*

*Chantez! Car la morte est divine!
Le brick glisse à la bouline
Comme un rapide dauphin.
Du haut du mât de misaine
Un pavillon, dans un geste d'adieu s'incline
Vers les vagues qui fuient au loin.
Les cantilènes de l'Espagnol
Laguissantes d'amour,
Chantent les filles brunes,
Les andalouses en ficur!
D'Italie le fils indolent
Chante Venise exidormie,
- Terre d'amour et de trahison,
Ou dans le creux du golfe
Evoque lês vers du tasse
Pres dès laves du volcan!"*

"Nós desconhecíamos a escravidão. No Oriente, ao contrário, a escravidão se achava na sua pátria. A guerra era uma indústria; uma aquisição de braços. O primeiro Capital do Homem foi o próprio homem. Todas as vezes que houve necessidade de reparar uma solução de continuidade entre os povos, a escravidão se desenvolveu novamente, a fim de preencher sua missão eminentemente social. Assim, desde as origens do mundo, o país centro de uma esplêndida civilização é, no seu apogeu, um mercado, na sua decadência, um produtor de escravos. Se a escravidão não fosse inventada, a marcha da humanidade seria impossível."

"Os filantropos abolicionistas, enlevados pela utopia, não sabem explicar este fato. Vendo a escravidão por um prisma odioso, recusando-lhe uma ação benéfica

no desenvolvimento humano, obstinam-se em atribuir exclusivamente às más paixões humanas, à cobiça e indolência, o feito de uma causa superior. Esquecem que na Europa, em particular em Portugal, então cérebro do mundo civilizado, gerava-se o maior acontecimento da idade moderna, a descoberta da América. Para dar prosseguimento a esse grande feito era necessário uma grande quantidade de homens para devassar a imensidade dos desertos americanos e dominar a pujança de uma natureza vigorosa. Essas massas, não as tinham em seu próprio seio, careciam de buscá-las: a raça africana era então a mais disponível e apta. Não se podia melhor ostentar a lógica da civilização humana. Nada muito diferente do que já acontecera na antiguidade no Egito das pirâmides."

Vejam só o argumento do José de Alencar. Se fecharmos os olhos chegamos mesmo a acreditar que o "gajo" tinha lá sua razão. Os nossos colonizadores foram buscar na África os braços que necessitavam para fazer o trabalho pesado. Os portuga, do Brasil só queriam era aumentar seu capital, trabalhar eles deixaram para os escravos, primeiro foram os índios, que não deu certo, aí foram buscar os africanos. José de Alencar sintonizado com o que se passava no mundo, vai mais longe e para justificar faz uma ameaça:

"É uma forma, rude embora, do direito; uma fase do progresso; um instrumento da civilização, como foi a conquista, o escravo, a gleba. Na qualidade de instituição, me parece tão respeitável como a colonização; porém, muito superior quanto ao serviço que prestou ao desenvolvimento social. A liberdade e a

propriedade, essas duas fibras sociais, cairiam desde já em desprezo ante os sonhos do comunismo."

Vejam vocês, em pleno século XIX e já nos ameaçavam com o comunismo? No Brasil a ameaça do comunismo é um argumento que serve para justificar qualquer coisa. Mas vocês devem estar pensando: do que esse maluco está falando? Que falação mais fora de contexto e panfletário. No Brasil não tem mais escravo. Desde 1888 não temos escravidão. Vocês estão muito enganados. O trabalho escravo continua sendo, hoje, uma forma ainda muito eficaz de acumulação do Capital. E não é uma exclusividade de países em desenvolvimento, de países pobres, ele existe em todas as economias do mundo, em todas as regiões e apresentando as mais diversas formas. O que acontece é que hoje em dia ele tem outras maneiras de ser. Por exemplo, a figura do "Gato", a pessoa que atrai o trabalhador com falsas promessas e o transforma em um escravo e que substitui o antigo "negreiro". Hoje o escravo não é comprado, ele torna-se escravo por conta da dívida. Vocês escutaram bem, falei dívida, como a dos cheques especiais. Os escravos, hoje, são aliciados em municípios muito carentes e levados para outras localidades. Os míseros rendimentos dos primeiros meses são para pagar o transporte, a alimentação e o vestuário. Eles geralmente são escravizados em regiões muito isoladas, sem qualquer condição financeira ou de transporte, daí a sujeição na esperança de um dia poder se libertar ou fugir. A terceira coisa que os transforma em escravos é o confinamento armado. Eles são vigiados por guardas armados e são mortos se tentam fugir. Mas todos nós sabemos que o artigo 4 da Declaração dos Direitos do Homem diz: *"ninguém será mantido em escravidão*

ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos estão proibidos em todas as suas formas."

Eu quando vinha para o teatro passei por uns sem tetos e fiquei pensando, quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea os escravos libertos ficaram pelas ruas da cidade como esses sem tetos de hoje. É, porque eles foram libertados, mas não lhes deram trabalho assalariado e nem se fez a reforma agrária dos latifúndios como reivindicava, na época, o Ruy Barbosa. Quando vi os primeiros sem tetos, nem lembro em que ano foi isso, eu senti vergonha. Hoje, quando alguns deles se aproximam e pedem algo, eu fico irritado. "Porque não vai trabalhar, caralho?" Incrível como o Homem se adapta a todas as circunstâncias e aceita a violência. Outra coisa, a maioria dos sem tetos são negros, vocês já notaram isso, não?

E justo nós que temos a fama de sermos hospitaleiros, cordiais com todas as etnias, as religiões e escolas. Vivemos a democracia racial. Muito mais do que muitos países que consideramos civilizados. Por exemplo, vejam o que se passa hoje em dia na comunidade Européia. Estão criando uma série de leis, muito rígidas e severas, para não deixar entrar os imigrantes. Isso depois de enviarem para o mundo todo um monte de italianos, espanhóis, portugueses que não tinham o que fazer no próprio país.

Querem um exemplo da atualidade do trabalho escravo no mundo civilizado. Todo mundo fala da economia chinesa, de seu fabuloso crescimento anual, mas ninguém explica como isso está sendo conseguido.

Alguém tem dúvida da civilização milenar chinesa? Não estamos falando do Novo Mundo ignorante, juvenzinho, de 500 e poucos anos. Estou falando do país da Ópera Chinesa, que impressionou Bertolt Brecht, dos fogos de artifício que encantaram Marco Polo, da China das olimpíadas. Pois bem, lá tem uma exploração brutal de trabalho escravo. A mídia chinesa relatou que em maio de 2007 a polícia resgatou 31 trabalhadores escravizados em uma olaria. Eram obrigados a trabalhar 18 horas por dia sem qualquer pagamento e sob vigilância de guardas e cães. Para comer, só lhes davam pão e água. Todos tinham queimadura pelo corpo por carregar tijolos quentes. Oito deles estavam tão perturbados que não se lembravam de onde eram. Não tinham acesso à banho e a sujeira em seus corpos era tão grossa que dava pra raspar com uma faca. O dono da olaria era o filho de um secretário local do Partido comunista. O escândalo se espalhou depois que 400 pais pediram ajuda para resgatar seus filhos. Eles diziam que mil crianças haviam sido seqüestradas e vendidas a US\$ 65 dólares americanos cada uma. Algumas tinham somente 8 anos. Os lugares onde viviam eram piores do que canis. Eles disseram que a polícia não ajudava em nada. Muitos policiais locais eram próximos dos donos das olarias e os avisavam com antecedência se algum grupo estava indo visitá-las. As leis mínimas de trabalho da China não fazem o menor efeito na operação do mercado de trabalho capitalista. Eles esqueceram o que disse Marx: "*o Capital, ao surgir, escorrem-lhe sangue e sujeira por todos os poros, da cabeça aos pés*". "*Para a burguesia, nada mais existe neste mundo, a não ser que pelo propósito do dinheiro, este mesmo não excluído. Não conhece a felicidade que não a do ganho rápido, não conhece dor que não a de perder dinheiro. Na presença*

dessa avareza e ganância por ganhos não é possível para sentimento humano algum se manter incorrupto (...)", já escreveu Engels. E que o diga Maldof. E ironia da história, o artigo primeiro da constituição chinesa declara: "O Estado é dirigido pela classe trabalhadora e baseado na aliança entre operários e camponeses. O sistema socialista é o sistema básico da República Popular da China".

"A utilização do negro como mão-de-obra escrava básica na economia colonial, deveu-se principalmente ao tráfico negreiro, atividade altamente rentável, tornando-se uma das principais fontes de acumulação de capitais para a metrópole. O que explica a escravidão é o tráfico, e não o contrário. Para os portugueses o tráfico não era novidade, eles o praticavam desde o século XV. No reinado de D. João II o tráfico foi institucionalizado como negócio do Estado português, limitando a participação de particulares".

Isto é, antes mesmo da colonização do Brasil. Essa herança devemos à eles. Esse descaso com o trabalho braçal e a glorificação do trabalho intelectual. Somos todos "doutores". Mas vocês dirão: "hoje não existe trabalho escravo no Brasil". Que é isso? Deixe de radicalismo, de terrorismo ideológico. O escravo nos tempos antigos era um investimento dispendioso, caro, poucos podiam ter escravos. Diferentemente de hoje em dia, quando o custo é zero. O Gato alicia um trabalhador miserável, paga-lhe o transporte e pronto, faz-se um escravo. E com uma grande vantagem, quando morria um escravo, antigamente, o proprietário perdia o seu capital investido, hoje, simplesmente pega-se o corpo do indigente e larga-se em qualquer estrada e se arranja outro para substituí-lo. E não faz diferença se a pessoa é negra, amarela ou branca.

E assim escreveu José de Alencar, nas suas cartas em defesa da escravidão ao Dom Pedro II:

"A escravidão é um fato social, como são ainda o despotismo e a aristocracia; como já foram a compra da mulher, a propriedade do pai sobre os filhos e tantas outras instituições antigas. A escravidão caduca, mas ainda não morreu; ainda se prendem a ela graves interesses de um povo. A superstição do futuro me parece tão perigosa como a superstição do passado. Tolerando semelhante fanatismo do progresso, nenhum princípio social fica isento de ser por ele atacado e mortalmente ferido."

Fazendo uma pesquisa sobre o tema na atualidade me deparei com um caso, que é público, pode ser pesquisado na internet, e que deixa claro as nossas "idéias fora do lugar" e a atualidade do problema. Dá para se apagar a luz? Vamos falar disso no escuro. Vocês lembram do Senna? O herói nacional da formula 1. Tem uma fundação com seu nome que ajuda as crianças carentes. O Instituto Ayrton Senna, que em seu site diz ter beneficiado mais de 1,3 milhão de crianças e adolescentes em projetos sociais em 2007. A filantropia que ameniza o sofrimento dos miseráveis. Pois bem, a família faz caridade, mas para fazer caridade tem que ganhar dinheiro para pagar suas contas, que devem ser altas. E não é porque ajudam os pobres é que não gostam de dinheiro. Um dos negócios da família, de onde sai parte de seus rendimentos, vem ou vinha, da Fazenda Campo Aberto, que tem mais dois outros sócios. É um mega empreendimento rural de mais de 6 mil hectares. Como disse em 1994 Leonardo Senna: "Nós defendemos práticas socialmente eficazes na Fundação Ayrton Senna, não podemos deixar de dar o

exemplo em nossas empresas." Em março de 2007, a jóia dos negócios da família Senna, a Fazenda Campo Aberto, recebeu 29 autos de infração do grupo móvel de combate ao trabalho escravo do Ministério do Trabalho e Emprego. Ou seja, encontraram 29 trabalhadores em condições de trabalho no regime de escravidão. O que aconteceu aos donos? Um dos sócios do pai de Ayrton Senna na Fazenda Aberto, Ricardo Ferrigno Teixeira, que tem grande contato com o mundo político e é um doador de recursos econômicos para algumas campanhas políticas deve ter feito um bocado de lobby para sufocar o caso. Um dos seus beneficiados, só para se ver como se são as coisas no país do "favor", é o Deputado João Leão (PP-BA) vice-líder do governo no Congresso, que sobre o trabalho escravo diz: *"ainda não tive o prazer de conhecer o senhor Ricardo e sua fazenda. Eu não acredito nessa história de trabalho escravo no oeste da Bahia. É conversa fiada. Isso é folclore."* Em 2007, o Tribunal Regional do Trabalho da 5ª Região acolheu as alegações dos procuradores do Ministério Público. Mas veja só, como a gente vai acreditar numa notícia dessas em se tratando do Senna? Parece coisa de comunista, de gente invejosa que não pode ver os outros vencerem. E tem mais, não foi notícia no Jornal Nacional, então, não pode ser verdade. Conclusão, tudo não passa de fuxico da senzala.

"Eu sei que não é fácil escutar uma coisa dessas, mas não é menos difícil dizê-las. Povo adolescente, espalhado por um território, cuja vastidão nos oprime, isolados do centro da civilização do mundo, nós brasileiros, nós bárbaros, como podemos fazer algo que encha de orgulho os civilizados europeus? A fama é um oceano para a imaginação do homem. Para a imaginação ávida, a fama estrangeira tem

decerto melhor sabor e outra abundância. O elogio, n'alguma dessas línguas que se fizeram cosmopolitas (inglês, francês, alemão), contorna o mundo e difunde-se imediatamente na opinião universal. Os quatros ventos da imprensa transportam aos confins da terra o nome em voga, que repetem centos de milhões de indivíduos. Tem muitos que estão atrás dessa fama que se granjeia com atos que agradam os estrangeiros, mas que em nada resulta para o próprio povo."

E o José de Alencar acrescenta:

"Hão de parecer estranhas estas proposições, talvez que se apresentem como a glorificação da tirania doméstica. Mas lembre a história da humanidade. No seio da barbárie, o homem, em luta contra a natureza, sente a necessidade de multiplicar suas forças. O único instrumento ao alcance é o próprio homem, seu semelhante; apropria-se dele, ou pelo direito da geração ou pelo direito da conquista. Ai está o gérmen rude e informe da família. O mais antigo documento histórico, o Gênesis nos mostra o homem filiando-se à família estranha pelo cativo. Se a escravidão não fosse inventada, a marcha da humanidade seria impossível."

Quem está dizendo isso não sou eu, um simples aprendiz de ator, mas o fundador da literatura brasileira, o homem que escreveu "Iracema". Então, não serei eu que condenarei o pessoal da Fazenda Campo Aberto. O que eles fazem é propiciar esse germe rude e informe da família para os miseráveis para quem eles dão a oportunidade de trabalharem em suas terras.

"De feito, na história do progresso representa a escravidão o primeiro impulso do homem para a vida coletiva, o elo primitivo da comunhão entre os povos. O cativo foi o embrião da sociedade; embrião da família no direito civil, embrião do estado no direito público."

Não serão essas escravidões contemporâneas uma forma de contribuição com o progresso do gênero humano? Quem em sã consciência negará a contribuição que está dando para a civilização do oriente a invasão do Iraque? No nosso espírito Cristão não reconhecemos a violência como parteira da história, mas ela o é, algumas vezes. Por isso temos essa dificuldade com a escravidão, com as revoltas, etc. e tal. Por isso muitos condenam quando a gente traz para dentro da nossa casa uma pessoa simples para nos ajudar nos afazeres domésticos. O que não se vê é a oportunidade que está se dando para essa pessoa simples se "ilustrar, se informar, se educar", de entrar em contato com o que há de mais desenvolvido tecnologicamente em um lar classe média hoje. Querem um exemplo exemplar, como diz o caipira? Pois bem, se não tivesse existido a escravidão os Estados Unidos teriam hoje um presidente negro?

"A repulsão e o amálgama das raças humanas são duas leis da fisiologia social tão poderosa como na física os princípios da impenetrabilidade e coesão.

Integralmente, raças diversas não podem coabitar o mesmo país (veja o caso dos Judeus e os Palestinos). Ninguém desconhece, todavia, quanto é lenta essa coesão de raças. Demanda séculos e séculos. Eis um dos resultados benéficos do tráfico humano. Cumpre não

esquecer, quando se trata desta questão importante, que a raça branca, embora reduzisse o africano à condição de uma mercadoria, nobilitou-o não só pelo contato como pela transfusão do homem civilizado. A futura civilização da África está aí, nesse fato em embrião."

Talvez não seja por outro motivo que ainda hoje se faz tráfico de seres humanos, como a das meninas do nordeste que vão para a Europa achando que estão ganhando sua independência financeira e se transformam em escravas do sexo. Ou mesmo as meninas que vendem seu corpo por míseros reais aos europeus endinheirados que vêm ao nordeste fazer turismo sexual. Por falar nisso, vocês sabem como um proprietário de escravos permitia que um negro fizesse sexo? Eles reservavam uma negra para quatro negros; cabia-lhes arranjar-se para partilharem sossegadamente o fruto dessa concessão, feita para evitar os pretextos de fuga, como, também, para equilibrar os efeitos da mortalidade infantil. O Alencar conhecia esse negócio de ganhar dinheiro. Não era bobo não.

"A escravidão não se extingue por ato de poder; e sim pela caducidade moral, pela revolução lenta e soturna das idéias. É preciso que seque a raiz, para faltar às idéias a seiva nutritiva. E de onde principalmente derivava para a escravidão essa linfa e substância? Da Europa, e com especialidade de Inglaterra, França e Alemanha, tão abundantes de filantrópos como de consumidores dos nossos produtos. Não fomos nós, povos americanos, que importamos o negro da África para derrubar as matas e laborar a terra; mas aqueles que hoje nos lançam o apodo e o estigma por causa do trabalho escravo. Sem esse enorme estômago, chamado Europa, que anualmente

difere milhões de gêneros coloniais, a escravidão não regurgitaria na América, nem resistira à repugnância natural dos filhos deste continente. Mas era preciso alimentar o colosso; e satisfazer o apetite voraz do grande consumidor. O filantrópo europeu, entre a fumaça do bom tabaco de Havana e da taça do excelente café do Brasil, se enleva em suas utopias humanitárias e arroja contra esses países um aluvião de injúrias pelo ato de manterem o trabalho servil. Porque continuam comprando produtos fabricados pelo mundo todo por mão de obra escrava ou em situação de exploração extrema?"

Os iluministas de plantão ao fazerem seus sermões morais, não deixam de lado os seus negócios. É o tipo do faça o que eu falo e não o que eu faço. Ainda hoje isso é assim. Quem hoje denunciaria a China na Organização Mundial do Trabalho e deixaria de vender seus produtos naquele mercado fabuloso. As lojas de um de R\$ 1, 99 que o digam? Quem deixará de comprar o mogno brasileiro por conta da elevação da temperatura mundial? Business are business!

E Alencar, para provar que ainda hoje há necessidade de se amalgamar as raças, falaria como muitos falaram durante a crise de maio de 2006, quando o PCC atacou algumas bases da Polícia Militar. Na época foram mortos 493 pessoas por arma de fogo. A maioria de negros. E o governador Claudio Lembo disse: "Na crise do PCC, figuras da minoria branca queriam a lei de talião. Queriam que se matassem todos (bandidos, pobres e negros), para preservar a eles, da minoria branca. (Preservar a propriedade privada, a civilização branca, deve ser isso). Nós estávamos num momento extremamente difícil e tínhamos que mostrar que o Estado pode vencer dentro da lei. Telefonaram,

uns poucos vieram até o Palácio Bandeirantes e pediram que os matassem. Que a polícia fosse para as ruas, fazer execuções. Não é por outro motivo que pobre quando é preso apanha, é torturado e são apresentados à imprensa algemados. Mas quando pessoas importantes, autoras de roubos e crimes do colarinho branco são presas e filmadas pela mídia com algemas, isso é visto pelas autoridades máximas do país como uma grave violação aos direitos da "pessoa humana." José de Alencar, o escritor, concordaria com isso. Vocês acham que ele ia ficar a favor de se prender um capataz? E deixaria de castigar um negro fujão?

"Será verdade, porém, que a escravidão, reduzida exclusivamente ao Brasil, o arraste àquela posição aviltante? Decididamente, não. Ao Brasil, pois, é que se há de estranhar a demora neste supremo esforço, quando ainda está ele na infância, contando apenas quarenta e quatro anos de existência política, depois de três séculos de isolamento e abandono? (Hoje só temos 509 anos, somos uma criança perdida no Atlântico). Seremos os últimos a emancipar-nos dessa necessidade; mas há quem possa atirar-nos a pedra por esse pecado da civilização? Se esse povo existe, de consciência limpa, ele que se levante. A liberdade é o meio, um direito; o fim é a felicidade, e desta o escravo brasileiro tem um quinhão, que não é dado sonhar ao proletário europeu. De que serve ao paria da civilização a liberdade que a lei consagra por escárnio, quando a sociedade a anula fatalmente por sua organização criando a opressão da miséria?"

"Caminhe, pois, o Brasil desassombrado. Não se deixe tomar de pânico ante a opinião geral. Em todos os países,

ainda os mais civilizados, há uma última raiz do passado; entre nós é a escravatura, na Europa é o pauperismo."

É incrível a capacidade que temos de teorizar tudo. De encontrar argumentos que justifique o injustificável. Vocês não estão assombrados? Essas cartas do José de Alencar para mim funcionaram como um "acelerador de consciência". De uma hora para outra, como se fosse uma larica descontrolada, acordei sabendo um pouco mais do porque trato certas pessoas como trato. Por falar nisso, não limpamos os camarins hoje de novo. Eu pergunto, tem condição de se deixar esse pessoal decidir o que tem que fazer ou não? Estão em condição de exercer o Livre Arbítrio? E esses caras que chegam atrasado em ensaio de teatro de grupo? É disso que se trata?

"A lei do nosso país considera o escravo (o trabalhador braçal e desqualificado) como coisa ainda; porém, o costume, a razão pública, mais poderosa que todas as leis escritas, já elevou o cativo (o assalariado) entre nós a condição de homem, embora interdito e sujeito. Nenhuma lei a decretou, nenhuma pode derogá-la. Não é menos injusta a outra imputação feita à humanidade de que o cativo não lima as raças bárbaras nem lhes infiltra os raios da civilização. Uma raça não se educa e instrui como um indivíduo. Para educar uma raça, são necessárias duas coisas: grande capacidade e vigor do povo culto para imergir a massa bruta e insinuar-se por todos os poros; longo tempo para que se efetue essa operação lenta e difícil. A raça africana, em 1865 (época das cartas de José de Alencar), tinha apenas três séculos e meio de cativo. Qual foi a raça européia que fez nesse prazo curto a sua educação? Se algum dia, como é de se esperar, a

civilização projetar-se pelo continente africano adentro, caberá exclusivamente à escravidão. O Brasil, não terá concorrido eficazmente para a civilização da grei humana a seu domínio? Fora injustiça negá-lo."

"Viesse ao Brasil algum estrangeiro, desses que devaneiam em sonhos filantrópicos nas poltronas estufadas dos salões parisienses, e entrasse no seio de uma família brasileira. Vendo a dona da casa, senhora de primeira classe, desvelar-se na cabeceira do escravo (a empregada) enfermo; ele pensaria que a filantropia já não tinha que fazer onde morava desde muito a caridade. Todas as concessões que a civilização vai obtendo do coração do senhor limam a escravidão sem a desmoralizar."

Ao contrário, para José de Alencar:

"O escravo liberto por lei é inimigo nato do antigo dono; foge à casa onde nasceu."

O ódio da raça, que se havia de extinguir naturalmente com a escravidão, assanha-se ao contrário daí em diante. Tal será a sua ferocidade, que uma casta se veja forçada pelo instinto da conservação a exterminar a outra. Não resta dúvida. A abolição gradual é mais nociva do que a abolição instantânea. Para a casta sujeita, ainda não educada, a emancipação nas circunstâncias atuais é um edito de miséria pelo abandono do trabalho e de extermínio por causa da luta que excita entre as duas raças".

É a luta de classes. É por isso que ele tem tanto medo do fim da escravidão. Não queria que o ódio de classe viesse substituir o nosso "homem cordial".

Esse "libertar o homem da exploração do outro", essa sua descoisificação da noite para o dia é a instauração da ingovernabilidade, do caos social, o fim de todo o progresso conquistado pela sociedade da época na visão do Alencar. Segundo ele não se pode condenar o "investidor", o escravocrata por querer salvaguardar as suas posses. São elas que construíram a riqueza da nação. De alguma maneira esse paradoxo faz parte de cada um de nós a tal ponto que já o tomamos como natural. Acreditamos que só pelo fato de termos um emprego já devemos ser gratos ao empregador. No meu caso, ator, ter emprego é pura ilusão... Mas como diz o hino da República:

Hino da Proclamação da República
Música: Leopoldo Miguez (1850/1902)
Letra: Medeiros e Albuquerque (1867/1934)

*Seja um pálio de luz desdobrado,
Sob a larga amplidão destes céus
Este canto rebel que o passado
Vem remir dos mais torpes labéus!
Seja um hino de glória que fale
De esperança, de um novo porvir!
Com visões de triunfos embale
Quem por ele lutando surgir!*

*Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós!
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz!*

*Nós nem cremos que escravos outrora
Tenha havido em tão nobre País...*

*Hoje o rubro lampejo da aurora
Acha irmãos, não tiranos hostis.
Somos todos iguais! Ao futuro
Saberemos, unidos, levar
Nosso augusto estandarte que, puro,
Brilha, avante, da Pátria no altar!*

*Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós!
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz!*

"Decerto não existiriam as duas grandes potências do novo mundo, os Estados Unidos e o Brasil sem a escravidão. Não é um paradoxo esta minha convicção da influência decisiva da escravidão africana sobre o progresso da América. A África despejou sobre a América a exuberância de sua população vigorosa. Calcula-se em cerca de quarenta milhões o algarismo dessa vasta importação."

Quarenta milhões os escravizados que, segundo Alencar, num eufemismo romântico, contribuiu decisivamente para a constituição do Brasil. Exuberância que continua sendo paga com o descaso e o abandono do Estado. Mas será que o processo civilizatório ainda não é suficiente para que se libertem os negros dessas novas formas de escravismo que conhecemos ainda hoje?

"Chegando ao termo fatal, produzido o amálgama, a escravidão cai decrépita. Mas, antes do seu prazo, quem fere mortalmente uma lei, derrama sangue, como se apunhalara um homem. Porque somos livres agora, nós, filhos de uma raça hoje superior, havemos de impor à todo

o indivíduo, até ao bárbaro, este padrão único do homem que já tem a consciência de sua personalidade! Não nos recordamos que os povos nossos progenitores foram também escravos e adquiriram, nesta escola do trabalho e do sofrimento, a tempera necessária para conquistar seu direito e usar dele?"

Como dizia Ésquilo: "O sofrimento é a melhor lição."

Ou como disse Joaquim Nabuco, o abolicionista:

"(...) o poder da escravidão, como ela própria, é uma sombra."

"O que esse regime representa, já o sabemos. Moralmente é a destruição de todos os princípios e fundamentos da moralidade religiosa ou positiva – a família, a propriedade, a solidariedade social, a aspiração humanitária: politicamente, é o servilismo, a degradação do povo, a doença do funcionalismo, o enfraquecimento do amor da pátria, a divisão do interior em feudos, cada um com o seu regime penal, o seu sistema de provas, a sua inviolabilidade perante a polícia e a justiça; economica e socialmente, é o bem estar transitório de uma classe única, e essa decadente e sempre renovada; a eliminação do capital produzido, pela compra de escravos; a paralização de cada energia individual para o trabalho na população nacional; a impossibilidade de surgirem individualidades dignas de dirigir o país para melhores destinos, porque o povo não sustenta os que o defendem, não é leal aos que se sacrificam por ele, e o país, no meio de todo esse rebaixamento do caráter, do trabalho honrado, das virtudes obscuras, da pobreza que procura elevar-se

honestamente, está, como se disse nos Estados do Sul, 'apaixonado pela sua própria vergonha'".

"Escrevi este volume pensando no Brasil, e somente no Brasil, sem ódio nem ressentimento, e sem descobrir em mim mesmo, contra quem quer que fosse, um átomo consciente dessa inveja que Antonio Carlos disse ser 'o ingrediente principal de que são amassadas nossas almas'. Ataqueei abusos, vícios e práticas; denunciei um regime todo, e por isso terei ofendido os que se identificam com ele; não se pode, porém, combater um interesse da magnitude e da ordem da escravidão sem dizer o que ele é."

"Por uma curiosa teoria, todos nós, brasileiros, somos responsáveis pela escravidão, e não há como lavarmos as mãos do sangue dos escravos. Não basta não possuir escravos, para não se ter parte no crime. Quem nasceu com esse pecado original, não tem batismo que o purifique. (...) Não sei o que possa um escritor público fazer de melhor do que mostrar aos seus compatriotas os seus defeitos. Se fizer isso é ser considerado antinacional, não desejo furtar-me à acusação."

(O Abolicionismo, Joaquim Nabuco)

Alô. Quem? ...como vai? Eu estou acabando o espetáculo... se encontrar. Aonde? No Planeta's... não dá, não dá mesmo... eu tenho que sair correndo, vou fazer um teste para publicidade de massa de tomate... o cachê do Serviço Asocial? Não sei... qual é? Desculpe, mas agora não dá, preciso desligar. São desgastantes essas relações que ficam depois que os grupos acabam... vamos realizar os seus "eus". Me deixem! Pessoal, normalmente eu fico

para debater com o público, mas hoje não vai dar mesmo.
Tem o teste, lembram? Então, tenho que sair correndo.
Voltem outras vezes...

Música de Trabalho
Legião Urbana

Composição: Renato Russo

Sem trabalho eu não sou nada
Não tenho dignidade
Não sinto o meu valor
Não tenho identidade
Mas o que eu tenho
É só um emprego
E um salário miserável
Eu tenho o meu ofício
Que me cansa de verdade
Tem gente que não tem nada
E outros que tem mais do que precisam
Tem gente que não quer saber de trabalhar
Mas quando chega o fim do dia
Eu só penso em descansar
E voltar pra casa pros teus braços
Quem sabe esquecer um pouco
De todo o meu cansaço
Nossa vida não é boa
E nem podemos reclamar
Sei que existe injustiça
Eu sei o que acontece
Tenho medo da polícia
Eu sei o que acontece
Se você não segue as ordens

Se você não obedece
E não suporta o sofrimento
Está destinado a miséria

Mas isso eu não aceito
Eu sei o que acontece
Mas isso eu não aceito
Eu sei o que acontece
E quando chega o fim do dia
Eu só penso em descansar
E voltar pra casa pros teus braços
Quem sabe esquecer um pouco
Do pouco que não temos
Quem sabe esquecer um pouco
De tudo que não sabemos

Reinaldo Maia
Segunda Versão
Janeiro de 2009

Roteiro de Imagens

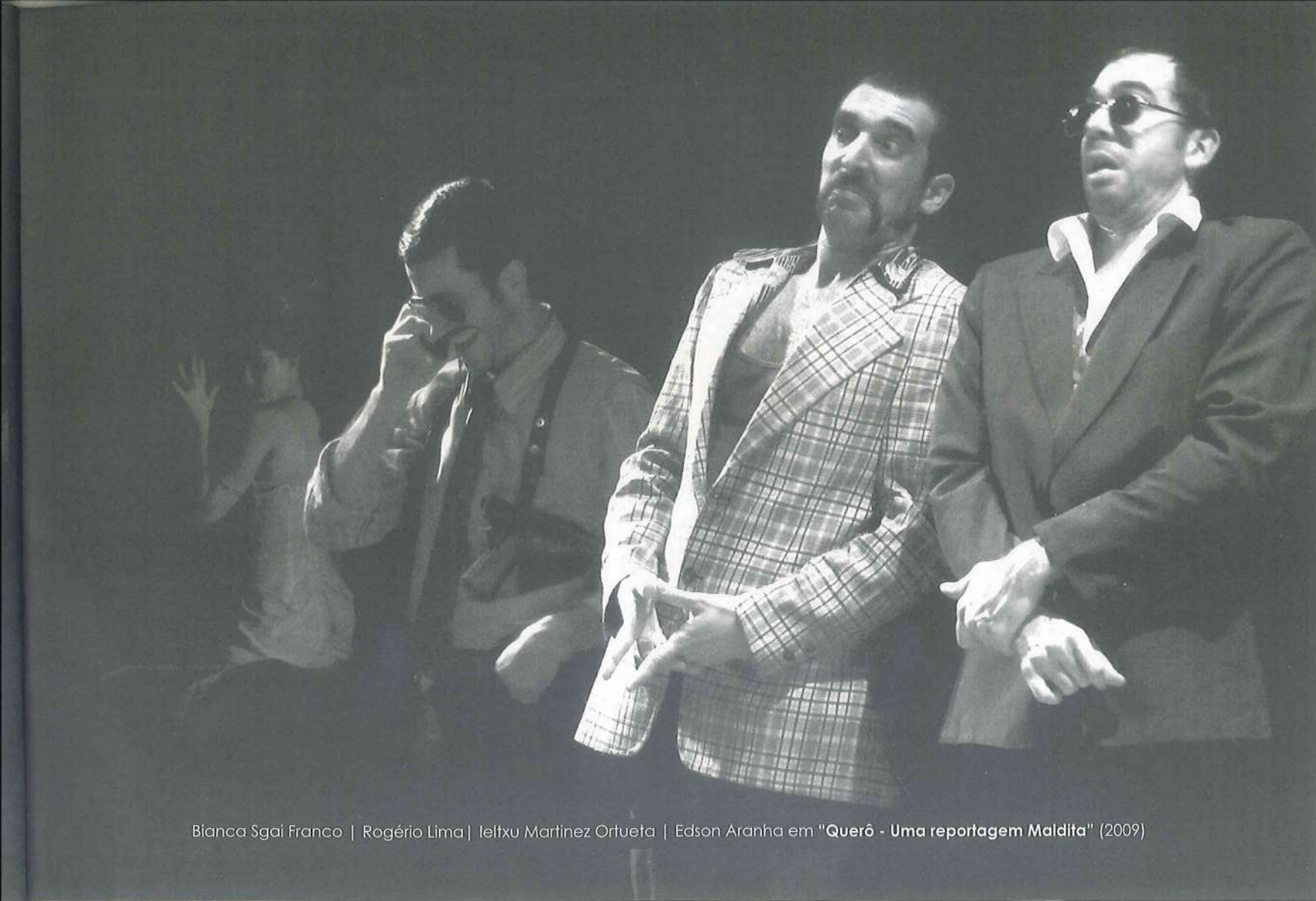
- . "Nascimento de Uma Nação" – D. W. Griffith
- . Imagens dos Retratos de Sebastião Salgado do Trabalho
- . Imagens de retratos do MST
- . Filme "Lanternas Vermelhas" ou "Adeus Minha Concubina" ou "O Último Imperador"
- . "Os Dez Mandamentos"
- . "Metropolis"
- . "Tempos Modernos"
- . "Homem de Mármore"
- . "Orfeu Negro"
- . "A Lira do Delírio"
- . "Iracema" (Bodanski)



Adriano Merlini | Camila Urbano | Carla Kinzo | Lefícia Monsó em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)



Ieltxu Martinez Ortueta | Adriano Merlini | Pedro Henrique Carneiro | Edson Aranha | Pedro Schwarcz em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)



Bianca Sgai Franco | Rogério Lima | Ieltxu Martínez Ortueta | Edson Aranha em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)



(de pé) Fernanda Aloi | Júlio Mello | Melany Kern | Edson Thiago | Ricardo Corrêa | Tatiana Freire | Daniela Caielli | Flávia Tavares | Andrea Tedesco | Valéria Simeão | Jonaya de Castro | Lelícia Monsó | (sentadas) Tarcila Albuquerque | Renata Rosa | Carol Cal em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)



Valéria Simeão | Edson Thiago | Andrea Tedesco | Pedro Lopes | Danilo Moreno | Luiz Xavier | Júlio Mello | Fernanda Aloi | Tatiana Freire | Adriano Motta em "Querô - Uma reportagem Maldita" (2009)



Galpão do Folias
Rua Ana Cintra - 213
Santa Cecília - São Paulo/SP
CEP: 01201-060 - Brasil
55 11 3361 2223
www.galpaodofolias.com.br